

Terezinha D. de Lima

15. 12. 81.

PROJETO

LOGOS

DSU/MEC

II

Série 02 — TÉCNICAS DE ESTUDO — Módulo 07



Presidente da República Federativa do Brasil
Ernesto Geisel

Ministro da Educação e Cultura
Ney Braga

Jorginlia Ferreira de Lima 15-12.81

*foi feita avaliação
9,0*

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPLETIVO
CONVÊNIO DSU/MEC — CETEB

PROJETOS LOGOS II

SÉRIE 02

TÉCNICAS DE ESTUDO

MÓDULO 07

2.^a edição revista e alterada

MARYLAND MORAES

CETEB

BRASÍLIA, DF, 1978

PROJETO LOGOS II

REALIZAÇÃO

MEC — Departamento de Ensino
Supletivo
Diretor-Geral — Leonardo Leite
Neto

PROJETO LOGOS II

Concepção e detalhamento —
Mário Sérgio Mafra
Coordenação Geral da Execução
— Myriam Cunha
Assessoramento — M. das Graças
Souza — Sonia Reinehr

GERÊNCIA EXECUTIVA

CETEB — Centro de Ensino Téc-
nico de Brasília

EXECUÇÃO

PARAÍBA

Secretaria de Educação e Cultura
Sec. Tarcísio de Miranda Buriti
Coordenação — DSU/SEC —
Wilson de Aquino
Gerência — Eneida Rangel da
Costa Miranda

PARANÁ

Secretaria de Estado da Educação
e da Cultura
Sec. Francisco Borsari Netto
Coordenação CETEPAR — Ivete
Torres Ribeiro
Gerência — Longino Luckmman

PIAUI

Secretaria de Educação
Sec. Luiz Gonzaga Pires
Coord./DSU/SEC — Jonas Fer-
nandes da Silva
Gerência — Francisca Rosa da
Silva

R.G.NORTE

Secretaria de Educação e Cultura
Sec. João Faustino Ferreira Neto
Coord./SRH/SEC — Celina
Bezerra Santa Rosa
Gerência — José Candido Caval-
cante

RONDÔNIA

Secretaria de Educação e Cultura
Sec. Jerzy Badocha
Coord./DSU/SEC — Irene Lima
dos Santos
Gerência — Maria Laélia Fernan-
des Tristão

SUMÁRIO

ROTEIRO 05

ANEXO A — Uma novidade carregada
de significado 07

ANEXO B — Usando a imaginação. 15

ANEXO C — Pensar + concluir = estu-
dar..... 20

BIBLIOGRAFIA..... 28

ROTEIRO

I – TEMA: Percebendo as idéias escondidas de um texto.

II – PRÉ-REQUISITO: haver concluído os módulos anteriores desta mesma Série.

III – DURAÇÃO PROVÁVEL: 10 horas

IV – META:

Este módulo pretende treinar sua leitura, chamando a atenção para alguns aspectos que o texto não revela claramente.

V – PRÉ-AVALIAÇÃO

Se você obteve o mínimo de 80 pontos na pré-avaliação, poderá pedir ao Orientador a pré-avaliação do módulo seguinte dessa mesma Série. Mesmo assim, guarde este módulo: ele poderá ser útil para você.

VI – OBJETIVOS DE ENSINO:

Quando você acabar de estudar este módulo, deverá ser capaz de:

- Identificar, através de exemplos, textos em prosa ou verso.

- Identificar idéias de um texto, não expressas claramente, demonstrando compreensão da leitura.

- Identificar o tipo de narração de um texto.

VII – ATIVIDADES DE ENSINO:

1. Leia o texto do ANEXO A, denominado **Uma novidade carregada de significado**, realizando os exercícios que se referem a ele. Se for necessário, releia o texto e repita os exercícios.
2. Leia atentamente o texto do ANEXO B, denominado **Usando a imaginação**, realizando os exercícios propostos. Se julgar necessário, torne a ler o texto e refazer os exercícios.
3. Leia com cuidado o texto do ANEXO C, intitulado **Pensar + concluir = estudar**, realizando os exercícios a ele referentes.
4. Confira sempre as suas respostas, com as respostas dos exercícios que o módulo apresenta.

VIII — PÓS-AVALIAÇÃO:

Após realizar todas as atividades previstas, quando você tiver certeza de que aprendeu o conteúdo deste módulo, procure o Orientador da Aprendizagem, para fazer a pós-avaliação. Você deve obter, no mínimo, 80 pontos.

IX — ATIVIDADES SUPLEMENTARES

Se não conseguiu 80 pontos na pós-avaliação, o Orientador da Aprendizagem vai lhe propor atividades que o ajudem a aprender melhor o conteúdo do módulo. Realize essas novas atividades e volte ao Núcleo Pedagógico, para fazer outra pós-avaliação.

UMA NOVIDADE CARREGADA DE SIGNIFICADO

No módulo anterior desta Série, você aprendeu o que é linguagem poética.

Você deve ter observado que todos os exemplos que demos de linguagem poética tinham uma **forma** especial, isto é, eram composições escritas em **versos**.

Verso é cada uma das linhas constitutivas de uma poesia ou poema.

Observe:

- | | |
|---|----------------------------|
| 1 | "Olha que coisa mais linda |
| 2 | Mais cheia de graça |
| 3 | É ela, a menina |
| 4 | Que vem e que passa |
| 5 | Num doce balanço |
| 6 | Caminho do mar..." |

(*)

Verificando a numeração à esquerda deste trecho poético, você constatou que ele possui 6 versos. Podemos dizer, então, que a **forma** desse trecho é em **VERSO**.

Quando a forma de um texto apresenta uma disposição continuada, uma linguagem em sua expressão comum, natural, espontânea, temos a **PROSA**.

No texto em prosa, os pensamentos são desenvolvidos em um ou mais parágrafos, de forma contínua.

Assim:

Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça é ela, a menina que vem e que passa num doce balanço, caminho do mar...

Leia, em voz alta, os versos da poesia, fazendo pausas ao final de cada um; depois leia, também em voz alta, o texto escrito em prosa, fazendo pausa somente onde houver vírgulas.

Notou a diferença? O verso parte o texto, de modo que ao fazermos uma pequena pausa no final de cada um, mudamos o ritmo da frase.

Na prosa, o ritmo é dado pelas pausas da respiração e como consequência do pensamento lógico.

No módulo anterior desta Série, você aprendeu que a linguagem poética dá um **significado** especial à realidade, mostrando-a de um modo diferente.

Agora você vai observar, pelo estudo deste módulo, que esse significado pode ser obtido, não só através de textos em verso, mas também de textos em **prosa**.

(*) Trecho de *Garota de Ipanema*, composição de Antonio Carlos Jobim, com versos de Vinícius de Moraes

Mas isso só acontece quando o texto apresenta novidade na maneira de dizer as coisas.

Vêjamos o exemplo:

MEU CAJUEIRO

Aos treze anos da minha idade, e três da sua, separamo-nos, o meu cajueiro e eu. Embarco para o Maranhão, e ele fica. Na hora, porém, de deixar a casa, vou levar-lhe o meu adeus. Abraçando-me ao seu tronco, aperto-o de encontro ao meu peito. A resina transparente e cheirosa corre-lhe o caule ferido. Na ponta dos ramos mais altos abotoam os primeiros cachos de flores miúdas e arroxeadas como pequeninas unhas de crianças com frio.

— Adeus, meu cajueiro. Até a volta!

Ele não diz nada, e eu me vou embora.

Da esquina da rua, olho ainda, por cima da cerca, a sua folha mais alta, pequenino lenço verde agitado em despedida. E estou em São Luís, homem-menino, lutando pela vida, enrijando o corpo no trabalho bruto e fortalecendo a alma no sofrimento, quando recebo uma comprida lata de folha acompanhando uma carta de minha mãe: "Receberás com esta uma pequena lata de doce de caju, em calda. São os primeiros cajus do teu cajueiro. São deliciosos, e ele te manda lembranças..."

(Humberto de Campos, *Memórias*, em *Nossos Clássicos*, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro 1965, pág. 25.).

O texto nos mostra a amizade entre um menino e seu cajueiro. Este tema poderia ser desenvolvido de inúmeras maneiras, mas o resultado seria diferente, se o autor tivesse apenas descrito os fatos, assim:

Quando eu tinha treze anos e meu cajueiro, três, fui para o Maranhão. Gostava muito dele e a despedida foi triste.

Tempos depois, já em São Luís, trabalhando, recebi uma carta de minha mãe que me trouxe muita alegria: acompanhava-a uma lata de doce de caju, em calda. Eram os primeiros frutos de meu cajueiro.

Compare os dois textos e veja a diferença. O segundo texto é frio, limita-se a narrar os fatos, sem transmitir, através da linguagem, nenhum sentimento. Ora, se o **tema** é, justamente, a **amizade** entre o menino e o cajueiro, é necessário que a linguagem nos transmita isso.

Observe de que maneira o autor conseguiu esse efeito de ternura. Veja estes trechos:

"Abraçando-me ao seu tronco, aperto-o de encontro ao meu peito. A resina transparente e cheirosa corre-lhe o caule ferido".

E, mais adiante:

"Ele não diz nada, e eu me vou embora".

Tem-se quase a impressão de que o menino se despede de uma pessoa, e não de uma planta. Quando diz que "a resina (...) corre-lhe o caule ferido", o autor não procura dar a entender que o cajueiro está chorando? E quando afirma: "ele não diz nada", isso não é um modo de se referir a uma pessoa? Pois cajueiro não fala. Assim, na visão do menino, o cajueiro era um amigo, um confidente, um companheiro. A linguagem do texto nos transmite essa amizade de uma forma especial, **dando qualidades humanas ao cajueiro**.

Examine conosco outro trecho:

"Na ponta dos ramos mais altos abo-
toam os primeiros cachos de flores miúdas e
arroxeadas como pequeninas unhas de crian-
ças com frio".

Sublinhamos o pedaço que contém uma **comparação** entre dois elementos.

Esses elementos são

as flores de cajueiro

e

unhas de criança com frio

Por que é possível fazer essa com-
paração?

Repare:

as flores do cajueiro são

miúdas

e

arroxeadas

unhas de criança com frio são

pequeninas

e

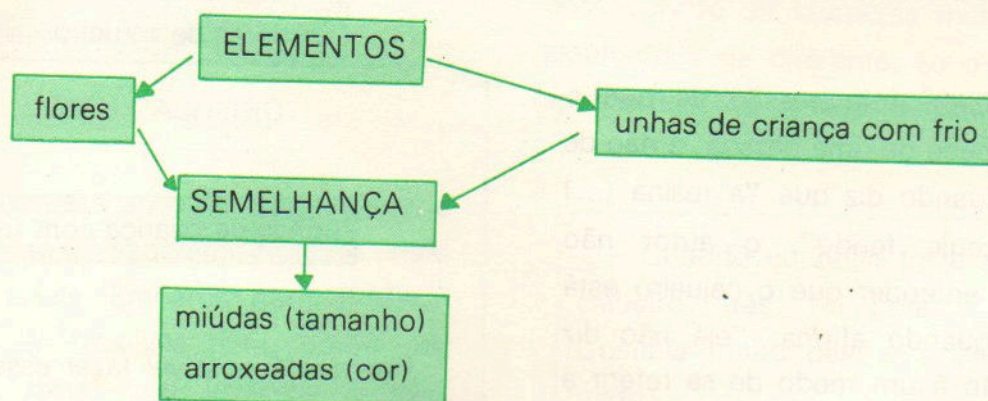
arroxeadas

A semelhança entre os dois elementos é dada pelo

tamanho → miúdas, pequeninas e pela

cor → arroxeadas

Vamos verificar melhor a comparação através de um quadro:



CONCLUSÃO: houve necessidade de dizer que as unhas eram de criança (por causa do tamanho) e que a criança sentia frio (o frio faz com que as unhas fiquem roxas). (2)

A comparação entre as flores do cajueiro e as unhas de criança com frio nos ajudam a **visualizar** a descrição, fazendo com que realmente imaginemos a planta. Não seria a mesma coisa dizermos, por exemplo: "As flores do cajueiro são pequenas e roxas". Isso nos daria apenas uma informação, mas não nos faria **imaginar** as flores, tão miúdas e arroxeadas, "como pequeninas unhas de criança com frio".

Essa maneira, de escrever, criando imagens, colorindo as palavras, enfeitando a frase é que faz com que o autor retrate a realidade de uma maneira nova. Por isso consegue um significado especial, muito importante para transmitir sua mensagem.

Se você compreendeu bem a comparação do trecho anterior, vai ser fácil perceber esta:

"Da esquina da rua, olho ainda, por cima da cerca a sua folha mais alta, pequenino lenço verde agitado em despedida"

- Quais são os elementos comparados no trecho acima?

as folhas do cajueiro
e as unhas de criança com frio.

Se você respondeu que há uma comparação entre a folha mais alta do cajueiro e um pequeno lenço verde que se agita em despedida, acertou:

Folha e lenço são os dois elementos comparados.

(2) Este quadro foi adaptado do estudo de Nelly Novaes Coelho sobre este texto, em *O Ensino da Literatura*, 2. ed., José Olympio/MEC, Rio/Brasília, 1973, pág. 204.

23 ao 01 de janeiro *pequeno*.

- Por que o autor se refere a um lenço **verde** e não de outra cor qualquer?

é necessário que ele seja verde pois nem todos lenços são verde.

Você deve ter dito que, se a folha é verde, para que a comparemos a um lenço, é necessário que ele seja verde, pois nem todo lenço é verde.

- Por que o autor precisa usar a palavra **pequenino** em "pequenino lenço verde"?

Para haver comparações entre esses dois elementos

Pense no tamanho de uma folha, vista de longe, e no tamanho de um lenço. Para haver comparação entre esses dois elementos é preciso que o lenço seja **pequenino**, do contrário não poderá dar idéia de uma folha.

- Se a folha é comparada a um lenço que se **agita** em despedida, é porque ela se balançava. O que fazia a folha balançar-se?

o vento.

Evidentemente, a folha não se balançava sozinha. Tampouco haveria alguém que estivesse sacudindo o cajueiro para que ela se agitasse. Existe, pois, uma informação que não está presente no texto, mas que facilmente podemos compreender: o **vento** balançava a folha do cajueiro. Você deve ter concluído isso, não?

Vamos resumir o que dissemos:

ELEMENTOS		SEMELHANÇA
FOLHA	LENÇO	
pequena	pequenino	→ é necessário o uso de "pequenino", pois há lenços de vários tamanhos: a folha em relação ao lenço seria muito pequena. é necessário o uso de "verde", pois nem todo lenço é verde...
↓	↓	
verde	verde	→ o uso de "em despedida" para a folha, justifica-se porque, para o menino, o cajueiro está mesmo se despedindo. Um lenço que se agita significa "adeus"
↓	↓	
agita-se pelo vento	agita-se pela vontade de quem se despede	(3)

(3) Idem, ibidem

Confira agora suas respostas com as nossas:

1. Treze anos.

2. Três anos.

Eis o trecho que confirma essas respostas:

"Aos treze anos de minha idade, e três da sua, separamo-nos, o meu cajueiro e eu".

3. Para o Maranhão.

"Embarco para o Maranhão e ele fica".

4. A expressão "a resina corre-lhe o caule ferido" sugere que o cajueiro esteja chorando de sofrimento.

5. "Abotoam" é uma forma de dizer que aparecem os primeiros botões das flores.

6. As flores do cajueiro são miúdas e arroxeadas.

7. São comparadas a "pequeninas unhas de criança com frio".

8. A folha mais alta do cajueiro é comparada a um "lenço verde agitado em despedida".

9. A expressão homem-menino quer dizer quase homem e ainda menino", ou seja: aos treze anos, ainda não se é um homem feito, mas também não se é somente um menino. No texto, a expressão justifica-se, também, pelo fato de, ainda muito cedo, o menino ter que trabalhar, tarefa de homem.

10. Em São Luís, capital do Maranhão, o menino "lutava pela vida", isto é: trabalhava.

11. "Fortalecer a alma no sofrimento" pode significar amadurecer, tornar-se adulto. O sofrimento fortalece a alma, quer dizer: torna as pessoas mais fortes, espiritualmente.

12. Em "lata de folha" o sentido é de lâmina de metal, material com que é feita a lata; em "folha do cajueiro", trata-se da parte da planta, órgão por onde ela respira.

Há inúmeros significados, em nossa língua, para a palavra folha. Alguns exemplos:

- folha de papel
- folhas de um livro, jornal ou revista
- folha de pagamento

Você pode procurar num dicionário para verificar a enorme quantidade de significados desta palavra.

13. A frase do fim do texto que demonstra o tratamento humano dado ao cajueiro é: "São deliciosos e ele te manda lembranças". A expressão tem sentido figurado, pois cajueiro não pode "mandar lembranças".

14. A única coisa que o cajueiro pôde fazer para retribuir a amizade de seu dono foi **dar frutos** — os cajus deliciosos que foram enviados pela mãe do rapaz.

15. Este é um texto em **prosa**. Sua forma é contínua, e os pensamentos são desenvolvidos em parágrafos. Isso não impede que contenha imagens poéticas.

Você compreendeu bem esse texto de Humberto de Campos e verificou os recursos empregados pelo autor para nos transmitir sua mensagem. Sem esses recursos, a linguagem seria pobre, sem graça, e não conseguiria exprimir a amizade entre o menino e o cajueiro. Esses recursos fazem parte do estilo do escritor. Estilo é o modo especial de narrar uma história, uma conversa, uma crônica ou, até mesmo, uma anedota.

Por isso, dissemos que, além dos textos em verso, a prosa também pode alterar a

maneira normal de mostrar a realidade, dando-lhe um significado diferente. Apresentando um jeito novo de dizer as coisas, o texto possuirá características literárias.

Um famoso crítico definiu **literatura** "como linguagem carregada de significado" e como "novidade que PERMANECE novidade". (4)

Isso quer dizer que não basta apresentar uma "novidade" para que o texto seja literário, mas que é preciso que ele seja lido, muitos anos depois de escrito, com o mesmo interesse com que foi recebido no primeiro momento.

O texto "Meu cajueiro", de Humberto de Campos, foi escrito há muito tempo, mas é um exemplo de como a linguagem pode ser sempre nova, bonita e cheia de significados eternos.

(4) cf. Ezra Pound, in **ABC da Literatura**, São Paulo, Cultrix, 1970, p. 32/33.

ANEXO B

USANDO A IMAGINAÇÃO

Muitas vezes, lemos textos que exigem de nós, leitores, um esforço de imaginação. Nisto consiste exatamente o valor da obra, pois o autor precisa que colaboremos com ele para transmitir sua mensagem. Se não tivermos a capacidade de imaginar aquilo que está escrito, não podemos compreender o texto.

A linguagem figurada de certos textos só pode ser interpretada se deixarmos de lado nossos conhecimentos sobre o que é falso ou verdadeiro, porque a **imagem** criada pelo texto não corresponde ao que normalmente se considera **lógico**. Assim, numa frase como

"O coração de Mário sangrava com aquela notícia"

se formos considerar a **lógica** da oração, no sentido normal das palavras, podemos perguntar:

"Saía sangue do coração de Mário?"

"Sua camisa ficou suja de sangue?"

"Notícia é algum objeto cortante que tenha ferido o coração de Mário?"

Nenhuma dessas perguntas tem o menor sentido, porque sabemos que a expressão "coração sangrava", nessa frase,

tem sentido figurado. Quer dizer que Mário sofreu com a notícia recebida, sentiu um profundo desgosto.

Desse modo, quando lemos um texto literário, onde a linguagem figurada é usada para nos fazer sentir a realidade de modo mais profundo, é preciso esquecer um pouco o sentido prático da vida e entrar no mundo de **imaginação** do texto.

Para que você verifique o que estamos dizendo, acompanhe nossa leitura de alguns trechos escritos por Armando Nogueira. (5)

"Já reparei uma coisa: bola de futebol, seja nova, seja velha, é um ser muito compreensivo que dança conforme a música: se está no Maracanã, numa decisão de título, ela rola e quica com um ar dramático, mantendo sempre a mesma pose adulta, esteja nos pés de Gérson ou nas mãos de gandula.

Em compensação, num racha de menino ninguém é mais sapeca: ela corre para cá, corre para lá, quica no meio-fio, pára de estalo no canteiro, lambe a canela de um, deixa-se espremer entre mil canelas, depois escapa, rolando, doida, pela calçada. Parece um bichinho". (6)

(5) Armando Nogueira — comentarista esportivo que sabia fazer de suas crônicas verdadeiras páginas literárias, pelo alto valor de expressão que comunicava. Atualmente, Armando é chefe do setor de jornalismo da Rede Globo de Televisão, tendo abandonado a crônica esportiva.

(6) Armando Nogueira, in **Bola na Rede** (edição comentada de crônicas selecionadas de A.N.; organização, estudo e notas do Prof. Ivan Cavalcanti Proença), Rio de Janeiro, José Olympio, 1973, p. 172.

Para facilitar sua leitura, aqui vai um glossário.

compreensivo — paciente, dócil, obediente.

que dança conforme a música — que faz o que mandam, que age conforme se espera.

Maracanã — maior estádio de futebol do mundo, situado no Rio de Janeiro..

Gérson — ex-jogador de futebol, tricampeão mundial pelo Brasil em 1970.

Gandula — menino que fica à beira do gramado para devolver as bolas que saem de campo.

racha — futebol de rua, "pelada".

sapeca — levada, agitada, irrequieta.

Se você leu com atenção, deve ter reparado que a **bola** é tratada com importância, como se fosse uma pessoa. E as palavras que são escolhidas para descrevê-la são bem diferentes, de acordo com a situação. Observe:

no Maracanã (decisão de título) → tem ar **dramático**, pose **adulta**

num racha de menino → é **sapeca**, **doida**, parece um **bichinho**

Portanto, no texto, se o jogo é importante, a bola é adulta, responsável; se o jogo é de criança, ela é brincalhona, infantil.

Ora, a bola não é nada disso, realmente. A imaginação do autor é que a transforma

em um ser com qualidades humanas. Você deve saber que, sendo um objeto, a bola não age: ela é comandada pelas pessoas que jogam ou brincam com ela. No entanto, veja como o texto descreve seus movimentos:

"... ela **corre** para cá, **corre** para lá, **quica** no meio-fio, **pára** de estalo no caneteiro, **lambe** a canela de um, **deixa-se espremer** entre mil canelas..."

Grifamos os verbos que indicam os movimentos da bola, para você perceber como a narrativa dá a impressão de que a bola é que age. Quando se diz que ela **corre**, **pára** ou **lambe** (bate de leve, como uma lambida) é como se a bola tivesse vida e pudesse fazer tudo isso sozinha. Na verdade, são os jogadores que a fazem correr e quicar; são eles que a espremem entre as canelas. No entanto, o texto diz que ela "se deixa espremer", como se bola tivesse vontade.

Acontece que o efeito, o significado do texto é muito maior que uma simples descrição de jogo. A "pelada" vai ser bruscamente interrompida, quando aparece alguém que vai ter muita influência no destino de nossa "amiga" bola. Veja o resto do texto:

"Entra na praça batendo palmas como quem enxota galinha no quintal. É um velho com cara de guarda-livros que, sem pedir licença, invade o universo infantil de uma pelada e vai expulsando todo mundo. Num instante, o campo está vazio, o mundo está vazio. Não deu tempo nem de desfazer as traves feitas de camisas."

O espantalho-gente pega a bola, viva, ainda, tira do bolso um canivete e dá-lhe a primeira espetada. No segundo golpe, a bola começa a sangrar.

Em cada gomo o coração de uma criança." (7)

Será que você percebeu a importância de toda aquela descrição da bola, viva, brin-

calhona, alegre como as crianças? Na verdade, a bola é **como se fosse** uma criança, brincando no meio das outras. E o gesto bruto e desumano do velho que desmancha a brincadeira é **como se fosse** um assassinato, atingindo a bola e os sentimentos infantis.

Mas vamos deixar que você mesmo conclua mais algumas coisas, assinalando as respostas corretas:

1. "Entra na praça batendo palmas **como quem enxota galinha no quintal**".

A comparação nos faz

- () visualizar melhor os gestos do velho.
- () imaginar que o velho cria galinhas.
- () pensar que o jogo é no quintal da casa do velho.

2. A expressão **universo infantil de uma pelada** significa que

- () a pelada não valia nada para as crianças.
- () as crianças, numa pelada, ficam tão desligadas das coisas e pessoas, que formam um universo à parte.
- () para as crianças, o universo é maior que a pelada.

3. "Num instante, o campo está vazio, o mundo está vazio"

Um dos possíveis sentidos dessa frase pode ser:

- () o campo e o mundo são iguais; portanto, os dois ficaram vazios.
- () o mundo ficou desabitado, logo o campo também ficou vazio.
- () com a saída das crianças, o campo, que era o mundo delas, ficou vazio.

4. O velho é denominado **espantalho-gente** porque:

- () é dono de uma horta.
- () espanta as crianças.
- () está fantasiado de espantalho.

5. A comparação entre **velho e espantalho** pode ter, ainda, um outro sentido, que é:

- () não ter sentimentos, como se fosse feito de palha.
- () não gosta de bolas.
- () não gostar de crianças.

(7) Armando Nogueira, idem, ibidem.

6. "... pega a bola, **viva**, ainda..."

A palavra **viva**, nesta frase:

- ☐ significa sabida.
- ☐ quer dizer que a bola está morrendo.
- ☐ dá um tratamento humano à bola.

7. "...a bola começa a sangrar".

Isto significa:

- ☐ que escorre sangue da bola.
- ☐ que a bola começa a murchar, perder o ar, que é como se fosse o seu sangue.
- ☐ que a bola morre lentamente, como se estivesse lutando contra a destruição.

8. "Em cada gomo o coração de uma criança."

Esta frase contém uma idéia muito importante:

- ☐ cada gomo da bola representa, simbolicamente, o sentimento de uma criança.
- ☐ a bola possui gomos em forma de coração.
- ☐ as crianças pintaram corações nos gomos da bola.

Temos certeza de que você acertou as respostas, mas sempre é bom conferir. Preste atenção, para que não lhe reste nenhuma dúvida sobre o texto:

1. Na frase "Entra na praça batendo palmas como quem enxota galinha no quintal", a comparação nos faz **visualizar melhor os gestos do velho**. É uma atitude grosseira, sem nenhum respeito pelas crianças, exatamente como se fossem animais. (Se bem que, às vezes, até com os animais se tem mais respeito).

2. A expressão "universo infantil de uma pelada" significa que as **crianças, numa pelada, ficam tão desligadas das coisas e pessoas, que formam um universo à parte**. O autor poderia, por exemplo, dizer "mundo infantil de uma pelada", mas a palavra **universo ampliou**, ainda mais, o sentido de importância que a brincadeira tinha para as crianças.

3. A frase "Num instante, o campo está vazio, o mundo está vazio", quer dizer que **com a saída das crianças, o campo, que era o mundo delas, ficou vazio**. Apesar do exagero, a idéia faz com que possamos sentir a visão do autor, atribuindo às crianças uma importância enorme para alegria do mundo.

4. O velho é denominado "espantalho-gente" porque espanta as crianças. Você deve saber que **espantalho serve para espantar**.

5. A comparação entre velho e espantalho pode ter, ainda, um outro sentido, que é **não ter sentimentos, como se fosse feito de palha**. O texto acentua o lado de-sumano do velho, por isso podemos estabelecer essa relação.
6. Em "... pega a bola, **viva**, ainda...", a palavra "viva" **dá um tratamento humano à bola**, pois bola não tem vida. Como todo o texto trata a bola como se fosse gente (ou criança) esta frase reforça, ainda mais, esse sentido.
7. A oração "... a bola começa a sangrar" significa **que a bola começa a murchar, perder o ar, que é como se fosse o seu sangue**. Aqui o sentido figurado atinge um nível muito alto, pois a destruição da bola é associada a um assassinato. A expressão tem sentido, porque sabemos que a bola está sendo tratada como gente.
8. A frase "Em cada gomo o coração de uma criança" contém uma idéia muito importante: **cada gomo da bola representa, simbolicamente, o sentimento de uma criança**. Isto é: a bola reúne nela mesma, todas as crianças que brincavam, **como se ela fosse** as crianças. Ao destruir a bola, **é como se** o velho tivesse, também, agredido as crianças. Coração significa **sentimentos, emoção, amor**. É, ainda, o órgão do corpo humano que, quando é atingido, **mata** a pessoa. Ora, a imagem criada pelo autor do texto, revela ao mesmo tempo, duas idéias:

1.º → o velho, ao atingir a bola, está atingindo, indiretamente as crianças. **É como se estivesse matando as crianças.**

2.º → o velho, ao destruir a bola, está destruindo os **sentimentos** das crianças.

Pela interpretação do texto, é possível verificar que a **bola**, objeto inanimado, ganhou vida e aparece como se fosse um **personagem** do texto.

Você deve estar lembrado que, no ANEXO A, estudamos um texto chamado "Meu cajueiro", de Humberto de Campos, onde o **cajueiro** também tinha características humanas, como se fosse um personagem.

Isso pode levar você a concluir que, nem sempre, o personagem de um texto será, obrigatoriamente, uma **pessoa**.

Um personagem é um elemento que **age** num texto, seja ele um animal, uma planta, um objeto ou uma pessoa.

O mundo de imaginação de um escritor permite que ele saia da realidade e construa uma história onde personagens não-humanos funcionem tanto ou mais que as pessoas.

Compreender essa idéia é fundamental para entendermos o que vai escrito no ANEXO C.

PENSAR + CONCLUIR = ESTUDAR

Para fazermos qualquer estudo, é necessário compreendermos o sentido do texto. Isso não significa, simplesmente, conhecermos as palavras que estão escritas: é necessário, também, percebermos o texto como um **todo**, com as idéias que aparecem claramente e com aquelas que ficam meio escondidas. Para acharmos essas idéias escondidas, precisamos **pensar**; se pensarmos, podemos tirar **conclusões**.

É **pensando** e **tirando** conclusões que estudamos. Sem saber pensar e concluir, não podemos entender um texto de História, Geografia, Matemática, Ciência ou qualquer outra matéria.

Se você exercitar sua capacidade de pensar e tirar conclusões, estará garantindo seu aproveitamento no estudo de qualquer assunto.

No ANEXO A e no ANEXO B fizemos você pensar a respeito de dois textos de leitura. Neles havia idéias escondidas que nos fizeram chegar a algumas conclusões:

1.º) no texto "Meu Cajueiro", o cajueiro tem características humanas, como se fosse uma pessoa;

2.º) no texto de Armando Nogueira, a bola também age, sente e sofre como se fosse uma pessoa.

Então podemos tirar uma conclusão final:

A imaginação de um escritor pode _____

Você deve ter concluído que a imaginação de um escritor pode criar imagens que atribuam características humanas a objetos, animais, plantas ou a qualquer ser inanimado. É claro que você pode ter concluído isso mesmo tendo escrito de outra maneira. O importante é você chegar à conclusão de que o escritor utiliza recursos imaginários para transformar a realidade, podendo, inclusive, dar vida a seres inanimados, transformando-os até em personagens.

Veja o exemplo deste texto:

VILA DOS CONFINES

Capítulo Oito

João Fanhoso abriu os olhos pesados de preguiça: primeiro um, depois o outro. E olhou o céu, entortando o pescoço. Passou o descanso do pé esquerdo para o pé direito. (...) Olhou o céu outra vez: beleza de céu azul-escuro, com nuvens claras.

A luz vinha dos lados do abacateiro grande, o da porta do paiol. Sim, chegava a hora — mas era muita a preguiça.

João Fanhoso andava amanhecendo sem entusiasmo, sem coragem para enfrentar os problemas que enchiam aqueles dias compridos. Desânimo, velhice. Mas tinha de reagir, manter pelo menos as aparências (...).

E cantou.

Antes, espremera-se todo, abrindo bem as asas, para que o ar enchesse os pulmões. Veias do pescoço estufadas, o sangue inchando as barbelas da cara (...).

A voz ainda saía bonita, forte, alcançando longe. Pena o som meio rachado — donde o apelido de João Fanhoso, que lhe pregara a Argemira, mulatinha metediça, espevitada, mestra em botar nomes nos outros.

O canto do galo índio solou ⁽⁸⁾ cheio, melodioso, dentro da noite clara. Passou pela ameixeira alta do paiol, atravessou os currais, o mangueiro, e planou ⁽⁹⁾ trêmulo por sobre o bambuzal do córrego (...). João Fanhoso ficou esperando a resposta, (...) porém tudo continuou quieto, ninguém lhe respondeu (...).

O galo velho olhou de novo o céu. Mudou de galho, pesadão, ajudado pelo bico e pelas asas. Custou, mas se ajeitou no outro poleiro mais alto, de visão melhor. Lua crescente, lindeza de pedaço de lua clareando toda a fazenda do Boi Solto.

Não era a primeira vez que sucedia aquilo — o fiasco ⁽¹⁰⁾ daquele engano.

Mário Palmério, *Vila dos Confines*, 7 ed., Rio, José Olympio, 1963, pág. 68, 69 e 70.

(8) solou — fez **solo**, cantou sozinho, sem acompanhamento.

(9) planou — sobrevoou, permaneceu no ar.

(10) fiasco — vexame, vergonha, insucesso.

Se você leu o texto com bastante atenção, poderá concluir sozinho, respondendo algumas perguntas:

1. Quem é João Fanhoso?

2. Com a leitura apenas dos dois primeiros parágrafos, podemos pensar que João Fanhoso é uma pessoa. Cite algumas expressões, desses dois parágrafos, **que servem, também, para descrever pessoas**. Vamos dar um exemplo:

a) "abriu os olhos pesados de preguiça"

▶ Agora, transcreva outras expressões:

b)

c)

d)

3. Quando surge a frase: "E cantou (3.º parágrafo), começamos a desconfiar que João Fanhoso é um galo. Daí em diante, o texto confirma isso, apresentando atitudes do animal que, de maneira nenhuma, poderiam ser usadas para uma pessoa. Transcreva um trecho que demonstre que João Fanhoso não pode ser uma pessoa. _____

4. Escreva, agora, duas frases do texto que digam, **claramente**, que João Fanhoso é um galo:

a)

b)

5. Por que nenhum outro galo respondeu ao canto de João Fanhoso?

6. Qual tinha sido o engano de João Fanhoso?

▶ Confirme agora suas respostas:

1. João Fanhoso é um **galo**.

2. Nos dois primeiros parágrafos ainda não sabemos que João Fanhoso é um galo, porque suas atitudes são descritas como se fossem de uma pessoa. Eis alguns exemplos.

— ...olhou o céu, entortando o pescoço...

— ...passou o descanso do pé esquerdo para o pé direito.

— ...andava amanhecendo sem entusiasmo, sem coragem para enfrentar os problemas que enchiam aqueles dias compridos.

— Mas tinha de reagir, manter pelo menos as aparências.

Depois que sabemos que João Fanhoso é um galo, algumas frases do início nos fazem visualizar exatamente o comportamento dessa ave: um galo realmente “abre um olho, depois outro”, “mantém-se num pé, depois noutro” e “entorta o pescoço para olhar melhor”.

Mas, não sabendo que se trata de um animal, podemos aceitar perfeitamente tais atitudes como humanas, ainda mais que não é característico de um bicho precisar “coragem para enfrentar problemas” ou “manter aparências”.

3. A partir de “E cantou”, começamos a desconfiar que o personagem não é humano. Afinal, embora as pessoas possam cantar pela manhã, não fazem disso uma obrigação diária. Mas, logo a seguir, vem este trecho:

Antes, espremera-se todo, abrindo bem as asas, para que o ar enchesse os pulmões. Veias do pescoço estufadas, o sangue inchando as barbelas da cara.

Não podemos mais ter dúvidas: João Fanhoso é um galo, pois abre as asas para cantar.

4. Depois disso, o texto não pode mais esconder que João Fanhoso é um galo e, então diz, claramente:

- O canto do galo índio solou cheio, melodioso, dentro da noite clara.

- O galo velho olhou de novo o céu.

5. Nenhum outro galo respondeu ao canto de João Fanhoso, porque **ainda não era dia, não havia amanhecido.**

Quando o galo pula para o poleiro mais alto e tem uma visão melhor, verifica:

“Lua crescente, lindeza de pedaço de lua clareando toda a fazenda do Boi Solto”.

6. O engano de João Fanhoso tinha sido exatamente este: **pensar que já havia amanhecido e cantar**, quando ainda era noite alta.

Isso acontece muito com as pessoas velhas: enganam-se nos horários, nas datas, trocam as coisas. O texto caracteriza o galo humanamente, dando-lhe nome, descrevendo-lhe as atitudes de modo muito particular e atribuindo-lhe, inclusive, sentimentos.

Na frase

“Não era a primeira vez que acontecia aquilo — o fiasco daquele engano”

a palavra **fiasco** nos transmite uma sensação de pena do galo pela vergonha de enganar-se assim, em algo que tinha sido, sempre, uma obrigação diária, uma coisa que qualquer galo sabe fazer: cantar pela manhã.

Apesar de acompanharmos todos os gestos de João Fanhoso, não é ele quem nos conta sua história. Existe um **narrador** que descreve seus atos, como se fosse alguém que estivesse assistindo à cena.

O narrador é portanto, quem nos conta a história, descrevendo tudo que se passa.

O narrador pode contar a história de vários modos, mas há dois bem diferentes que você deve saber identificar:

1. O narrador que não faz parte da história:

é aquele que conta os fatos como se estivesse assistindo às cenas, sem se intrometer. Descreve os personagens, as ações, as paisagens, como se fosse uma máquina de filmar que estivesse presente às cenas, sem que os personagens soubessem.

Vamos dar um exemplo:

"João Fanhoso abriu os olhos pesados de preguiça".

Quem está contando isso? Não é, evidentemente, João Fanhoso, pois ele diria: "Abri os olhos...", e não: "João Fanhoso abriu os olhos...". Não se trata, também, de nenhum outro personagem, pois não aparece mais ninguém no texto, além de João Fanhoso.

O narrador, portanto, não se apresenta na história, é como se fosse um ser invisível que sabe de tudo, sem que os personagens tomem conhecimento dele.

2. O narrador que participa da história:

é aquele que faz parte da história, que atua como personagem, contando suas próprias aventuras ou as de pessoas que conhece.

Veja o exemplo:

"Aos treze anos de **minha** idade, e três da sua, **separamo-nos o meu** cajueiro e **eu**".

Você já conhece esse texto, que estudou no ANEXO A. Grifamos as palavras **minha**, **separamo-nos**, **meu** e **eu**, para que

você pudesse compreender bem que quem está narrando a história é um personagem dela. É alguém que se apresenta, diz **eu**, sofre, sente, e conta o que sofre e o que sente. Se nós fôssemos contar essa mesma história, diríamos: "O menino tinha treze anos e seu cajueiro, três, quando se separaram". Seria a mesma coisa? Não, porque não seria mais o menino a contar sua própria história.

Vamos ver se você compreendeu bem o que foi dito até aqui.

Escreva as frases:

narrador que não faz parte da história
ou

narrador que participa da história

abaixo dos textos que se seguem, conforme o tipo de narrador de cada um:

a)

"O menino estudante, quatorze anos, conhecido no colégio pelo apelido de "Cruzeirense" (11), estava contente da vida, passando por um grupo de atleticanos (12). Agitou a bandeira azul e branca e gritou:

— Aí, cachorrada!

Não viu nada, um tiro o pegou, caiu sem sentidos. Sangrava muito no pescoço, foi levado ao Hospital do Pronto Socorro e operado. Salvou-se. Duas horas depois, lúcido, perguntou com aflição:

— Quem ganhou?"

João Antonio, "O juiz apita. Acabou o jogo", in **Malhação do Judas Carioca**, Rio, Civilização Brasileira, 1975, págs. 139/140.

Resposta: _____

(11) Cruzeirense — torcedor do **Cruzeiro**, time de futebol de Minas Gerais.

(12) atleticanos — torcedores do **Atlético**, outro time de futebol de Minas Gerais.

LEMBRANÇA

- b) Lembro-me de que ele só usava camisas brancas. Era um velho limpo e eu gostava dele por isso. Eu conhecia outros velhos e eles não eram limpos. Além disso eram chatos. Meu avô não era chato. Ele não incomodava ninguém. Nem os de casa ele incomodava. Ele quase não falava. Não pedia as coisas a ninguém. Nem uma travessa de comida na mesa ele gostava de pedir. Seus gestos eram firmes e suaves e quando ele andava não fazia barulho.

Luís Vilela, in *Tarde da Noite*, apud. Nelly Novaes Coelho, obra citada, pág. 139.

Resposta: _____

Vamos ver se você acertou:

a) **narrador que não faz parte da história:**

Você entendeu bem por quê? O texto nos diz de um menino estudante, torcedor do Cruzeiro, que sofre um acidente durante um jogo Atlético x Cruzeiro. Mas não é o menino que narra a história. Não há ninguém, tampouco, que diga: "eu vi quando o menino levou o tiro; foi assim, assim etc.". O narrador, portanto, conta a história, mas não participa da cena.

b) **narrador que participa da história:**

Agora sim! Logo na primeira palavra do texto está a marca do narrador participante, pois o texto começa: "**Lembro-me** ..." Portanto, quem está contando a história se apresenta, fala na 1.^a pessoa. Veja outros exemplos, onde fica claro a presença do narrador: "**Eu** conhecia ..."; "**Meu** avô não

era chato." Aí temos, portanto, um texto onde um personagem fala de seu avô. Logo, participa da história.

Se isso ficou bem claro, pense um pouco e conclua: A palavra **eu** só é usada pelo narrador que _____

Você deve ter concluído que a palavra **eu** só é empregada na narração quando o narrador **participa da história**. Pode acontecer, também, que ela esteja escondida atrás da forma verbal.

Assim: **Vi, falei, escutei** (é claro que o **eu** está subentendido). Outras palavras podem, também, demonstrar que o narrador participa da história: **meu, minha, nosso** etc. Todas elas pertencem a 1.^a pessoa (isto é: conforme você já aprendeu nos módulos de **Língua Portuguesa**; pertencem à pessoa do verbo que fala).

Se isto ficou claro, podemos, para simplificar, dizer que:

o narrador que participa da história é um narrador **em primeira pessoa**.

(isto é: fala na 1.^a pessoa: eu vi, meu avô, falei etc)
e

o narrador que **não** faz parte da história é um narrador **em terceira pessoa**.

(isto é: fala na 3.^a pessoa: ele viu, falaram, contam etc)

Se você compreendeu bem esta classificação, escreva nos parênteses, ao lado de cada texto, (1.^a) ou (3.^a), conforme o tipo de narrador:

A Raposa e as Uvas

a) ()

Contam que certa raposa, andando muito faminta, viu maduros cachos de uva, pendentes de uma parreira. De bom grado os trincaria, se os pudesse alcançar. Porém, abanando a cauda, afastou-se repetindo:

— Estão verdes, estão verdes, não prestam... só serviriam para os cães!

Nesse momento, porém, um rumor na ramaria da vinha fez com que ela voltasse de um salto, pensando ser um bago que caía.

La Fontaine

b) ()

"Lembro-me de uma estória (13) de onça: Aquela era a melhor de todas. Tio Ricardo contava-a como ninguém".

(Lúcia Benedeti)

c) ()

"O fato aconteceu antes da meia-noite, quando os pequenos da minha idade ainda estavam acordados.

Assisti a tudo e de tudo me recordo claramente"

(Viriato Correa)

d) ()

"Há um menino almoçando na marmitta junto às grades do Mineirão (14). Come à mineira — arroz, tutu de feijão e uma carniha. Se lhe perguntam quem ganha ou perde, ele dirá:

— Futebol tem hora. Tenho de vender as minhas coisas.

Ele é vendêdor de garapa e na sua barraca há uma inscrição fugindo ao furor do futebol: "Pobre só fica de barriga cheia quando morre afogado".

(João Antônio)

Confira as respostas:

a) (3.^a)

o narrador não participa da história; o texto se inicia com a palavra **Contam**, indicando que não se sabe quem contou pela primeira vez a história. O mesmo acontece com as expressões "diz que", "era uma vez" etc. que caracterizam, também, narrativas em 3.^a pessoa.

b) (1.^a)

As palavras **Lembro-me** e **Tio Ricardo** revelam que o narrador participa da história, contando-a em 1.^a pessoa.

c) (1.^a)

Aqui, também, a 1.^a pessoa aparece, nitidamente, através das expressões **minha idade**, **assisti** e **me recordo**, identificando um narrador que participa da história.

(13) estória — o mesmo que história

(14) Mineirão — grande estádio de futebol de Minas Gerais, segundo do Brasil (o primeiro é o Maracanã, no Rio de Janeiro).

d) (3.ª)

A cena é contada de maneira impessoal, sem que o narrador participe. Não há presença de verbos em 1.ª pessoa. Portanto, 3.ª pessoa.

Se você pensou, concluiu e acertou os exercícios, já estudou este módulo. Agora, é só pedir ao Orientador sua pós-avaliação.

BIBLIOGRAFIA

CÂNDIDO, Antônio e outros. **A Personagem de Ficção**. 2 ed., São Paulo, Perspectiva, 1970.

COELHO, Nely Novaes. **O Ensino da Literatura**. 2 ed., Rio, José Olympio, 1973.

MEGALE, Heitor. **Elementos de Teoria Literária**, 2 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1975.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo, Cultrix, 1970.

TAVARES, Hênio Último da Cunha, **Teoria Literária**. 3 ed., Belo Horizonte, Editora Bernardo Alvares s/d.

TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas**. 2 ed., São Paulo, Perspectiva, 1970.



PROJETO

LOGOS II

1	U.F.	2	3	4	5	6	7	N.º DE INSCRIÇÃO		D/C
			NUCLEO	SERIE	MOD.	Q. HORAS				
				0 2	7					
		ETAPA								

NÚMERO DAS QUESTÕES

	A	B	C	D
ACERTOU				
ERROU				
NÃO RESPONDEU				
NÃO COMPREENDEU				

NÚMERO DAS QUESTÕES

[illegible]

NÚMERO DAS QUESTÕES

10	ENUNCIADO AS QUESTÕES QUE VOCÊ	CÓD.	NÚMERO DAS QUESTÕES
PÓS-AVALIAÇÃO	ACERTOU	A	
	ERROU	B	
	NÃO RESPONDEU	C	
	NÃO COMPREENDEU	D	

NÚMERO DAS QUESTÕES

NÚMERO DAS QUESTÕES	COD.
ENUNCIADO AS QUESTÕES QUE VOCÊ ACERTOU A	A
ERROU B	B
NÃO RESPONDEU C	C
NÃO COMPREendeu D	D

ALÉM DO ORIENTADOR E DOS COLEGAS CURSISTAS, VOCÊ PRECISOU DA AJUDA DE OUTRA PESSOA PARA ENTENDER O MÓDULO?

SIM ☐ 1 NÃO ☐ 2

LOCAL _____ DATA ____/____/____

A QUEM RECORREU?

ASSINATURA / CURSISTA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

REPRODUÇÃO PROIBIDA